
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

PAIXÃO E FÉ EM SØREN KIERKEGAARD*

Rosana Delane Campelo** - UNICAP

Resumo

O pensamento de Kierkegaard está inserido no contexto da crítica filosófica da religião iniciada com Hegel. Kierkegaard se opõe à perspectiva da Filosofia da Religião de Hegel de redução do cristianismo a um sistema dominado pela lógica, bem como da junção entre religião e filosofia, em que a especulação filosófica justifica e explica racionalmente a fé. O problema da relação entre a razão e a fé é o ponto de partida da defesa da fé como *paixão.* No livro *Temor e Tremor*, Kierkegaard analisa a essência da fé cristã na passagem bíblica da história do sacrifício de Isaac, solicitado por Deus à Abraão, em Gêneses 22. A fé é compreendida como dimensão da subjetividade e, para Kierkegaard, a 'subjetividade é a verdade'. Verdade que é apropriada na interioridade e que precisa fazer sentido na vida do indivíduo. É a partir dessa ênfase na interioridade, que o filósofo estabelece a discussão sobre a autenticidade e fundamenta a sua crítica à cristandade. A perspectiva do presente trabalho é esboçar a essência da fé cristã em Kierkegaard, a paixão da fé, para o aprofundamento da reflexão sobre o significado do cristianismo e do ser cristão hoje - diante da confusão e crise de valores da sociedade contemporânea, do mercantilismo religioso da fé cristã, das incoerências do fundamentalismo e intolerância religiosa -, apontando direções para a discussão sobre alteridade e fé cristã na contemporaneidade.

Palavras-chave: Filosofia. Cristianismo. Fé.

Introdução

> A fé é a mais alta paixão de todo homem. Talvez haja muitos homens de cada geração que não a alcancem, mas nenhum vai além dela. Se se encontram ou não muitos homens do nosso tempo que não a descobrem, não posso decidi-lo, porque apenas me é lícita a referência a mim próprio, e não devo ocultar que me resta ainda muito que fazer, sem por isso desejar trair-me, ou trair a grandeza, reduzindo isto a um assunto sem importância, a uma doença infantil, de que se espera estar curado o mais depressa possível (KIERKEGAARD, 1979, p.185).

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências das Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016, na UNICAP, PE.

** Mestranda no Programa de Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco; graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco; graduada em Ciências Sociais pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: rosanadcampelo@hotmail.com

A filosofia de Kierkegaard foi elaborada em profundo processo de autoconhecimento, no enfrentamento de sua própria experiência existencial, suas intuições, melancolia e angústia. Nessa vivência de sua própria interioridade como conflito, elabora sua concepção do indivíduo e a afirmação da autenticidade como referência para o sentido do tornar-se cristão.

Percebe-se a coerência entre o pensamento e a existência do autor. Todo o seu pensamento e obra, refere-se ao significado do cristianismo, do 'tornar-se cristão', a questão da fé cristã sempre foi um dilema familiar e do indivíduo Kierkegaard. E, nesse sentido, a sua filosofia é genuinamente existencialista; reflete o esforço em compreender o seu próprio dilema existencial; o indivíduo diante de si e diante de Deus, como também a exigência existencial da liberdade da escolha; o reconhecimento dos limites da razão, diante do paradoxo que se estabelece em relação ao objeto da fé cristã, que é Cristo, Deus encarnado. Para Kierkegaard a fé é graça, dom de Deus, mas é através da 'ofensa', da crise diante da dificuldade do 'absurdo', do paradoxo, que a paixão da fé se configura em liberdade. Só através da escolha, da decisão pela fé, é que alguém pode tornar-se cristão. E essa escolha tem que ser refletida enquanto prática cristã; a prática do cristianismo numa ética do amor.[1]

A partir da sua concepção da fé como paixão, Kierkegaard elabora uma crítica ao projeto cientificista da racionalidade moderna - através da reflexão sobre a condição humana (que não se esgota nas explicações, 'soluções', 'racionalizações' dos sistemas filosóficos) -, e fundamenta as bases da filosofia da existência contemporânea.[2] E como afirma GOUVÊA:

[1] Cf. O livro As Obras do Amor, trata da ética cristã.

[2] Cf. 'Na perspectiva da história das ideias, o existencialismo se apresenta como uma das manifestações da grande crise do hegelianismo_ nas raízes do existencialismo encontra-se o pensamento de Kierkegaard'. REALI, Giovani. ANTISERI, Dario. História da Filosofia. Volume III. p. 494-495.

> "Crítico tanto da seca e impessoal ortodoxia luterana quanto de todas as diferentes escolas liberais iluministas [...] crítico do típico compromisso racionalista que os pensadores ortodoxos em geral tentavam criar entre cristianismo e razão".[3]

É, portanto, o problema da relação entre a razão e a fé o nosso ponto de partida para traçar um esboço da essência da fé, a paixão e fé, em Kierkegaard. E, a partir desses elementos, refletir sobre o significado do ser cristão na contemporaneidade.

Søren Kierkegaard (1813-1855), um pensador cristão

Apesar das controvérsias decorrentes de seu estilo literário, ou, a variação de gêneros literários (textos filosóficos, poéticos, teológicos), Kierkegaard é declaradamente um pensador cristão: "[...] eu sou e fui um autor religioso [...] a totalidade do meu trabalho como autor está relacionado ao cristianismo, ao problema do 'tornar-se cristão'" (KIERKEGAARD, apud, GOUVÊA, 2000, p.90). Defende um cristianismo 'dirigido para a pessoa', enfatizando a relação direta do indivíduo com Deus. É somente na interioridade que o indivíduo, na sua singularidade existencial, se coloca diante de Deus, no confronto ('ofensa') com o 'paradoxo absoluto' da encarnação (Deus-homem em Cristo), que a fé é possível, que alguém pode 'tornar-se cristão'. É a partir dessa perspectiva, que delineia o sentido da escolha existencial da fé cristã.

O problema Razão e Fé

Para Kierkegaard, a verdade da mensagem revelada é, em última instância, mistério, paradoxo que não pode ser resolvido, como pretendem

[3] GOUVÊA, Ricardo Quadros. Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução a Kierkegaard. São Paulo: Novo Século, 2000. p.17.

os sistemas filosóficos, especificamente o hegeliano e os apologistas cristãos. Por isso, 'a fé em virtude do absurdo'[4], o movimento da *paixão da fé*. A fé é, nesse sentido, uma verdade subjetivamente apropriada pelo indivíduo.

Kierkegaard não estabelece um sistema de pensamento. Contrariamente ao 'espírito sistemático racionalista' de sua época, faz uma crítica aos apologistas cristãos e às tentativas dos sistemas filosóficos, em particular o hegeliano, em explicar, justificar e resolver questões que escapam a lógica racionalista. Para Kierkegaard, a filosofia da sua época (século XIX) não estava preocupada com a existência humana, com o indivíduo e suas circunstâncias. Ele compreende que o sofrimento humano (a angústia e o desespero) e o caminho solitário para alcançar a autêntica liberdade, na fé, são possibilidades existenciais. A sua teoria dos três estádios (o estético, o ético e o religioso), refere-se ao percurso existencial e espiritual do indivíduo, como um processo de individuação[5], ou ainda, ao desenvolvimento *do si mesmo.* A teoria dos três estádios não é a definição de um processo linear, em que um processo exclui, necessariamente, o

[4] Cf. No livro Temor e Tremor Kierkegaard apresenta a ideia da 'fé em virtude do absurdo', a partir da reflexão sobre a passagem bíblica, em que DEUS solicita a Abraão o sacrifício de seu filho Isaque.

[5] A questão do "si mesmo" é uma questão fundante do pensamento kierkegaardiano, como "autentica contemplação antropológica" ou, em outros termos, uma "fenomenologia da constituição do eu". O termo Individuação, utilizado por C. G. Jung, significa a realização do si-mesmo. Jung afirma que "a consciência é uma condição do ser [...] o portador dessa consciência é o indivíduo [...] a psique individual, em função da sua individualidade, representa uma exceção à regra estatística, sempre esquecida da observação científica [...] a psique individual só encontra aceitação e validade nas confissões e igrejas quando adere um dogma, ou seja, quando aceita uma categoria coletiva. Em ambos os casos, o desejo de individualidade é sempre entendido como um subjetivismo egoísta. A ciência desvaloriza esse desejo como uma questão da subjetividade e as confissões o qualificam de heresia moral e soberba do espírito. Interessante é que o cristianismo, ao contrário das outras religiões, ensina o sentido de um símbolo que tem por conteúdo justamente a conduta individual da vida de um homem, o filho de Deus, que entende a si mesmo como processo de individuação e mesmo de encarnação e revelação de Deus. Dessa forma, a realização do si-mesmo adquire um significado cujas implicações ainda não foram devidamente aquilatadas. Contudo, se a autonomia não fosse a nostalgia secreta de muitos, talvez o indivíduo não tivesse condições de sobreviver moral e espiritualmente à repressão coletiva" (JUNG, 2011, p.33-34).

anterior, num determinismo existencial, mas, são possibilidades de experiência existencial; um modo de vida que pode ser superado por outro e, também, estar em processo de constituição. O filósofo aborda em suas reflexões as condições/possibilidades da existência humana, especificamente, a questão da consciência, do "si mesmo", da interioridade, da relação do ser humano com o mundo e com Deus. Para Kierkegaard a relação do indivíduo com o mundo estaria envolvida e dominada pela angústia, como parte determinante da condição humana. A partir dessa situação existencial, marcada pela angústia e desespero, o indivíduo tem como alternativa a relação com Deus, mas essa última possibilidade só pode ser realizada através da fé, que é paradoxo, "a fé em virtude do absurdo", ou seja, ter de compreender pela fé o que é incompreensível pela razão. Nesse sentido, a ênfase do filósofo dinamarquês na introspecção, na interioridade, na defesa da primazia da particularidade sobre a universalidade, é uma oposição ao sistema filosófico hegeliano. Para Kierkegaard, a verdade é apropriada pela subjetividade, só é verdade porque é apropriada pelo indivíduo, porque responde à um dilema existencial, é uma verdade que faz sentido para ele, enquanto individualidade. A verdade não é uma abstração, é uma verdade existencial, e o indivíduo não deve ser considerado enquanto categoria universal, mas na singularidade de sua existência.

Kierkegaard se opõe à perspectiva da Filosofia da Religião de Hegel. Para Hegel, a religião é uma forma rudimentar de compreensão racional da verdade metafísica (GOUVÊA,200. P.147). A religião é um modo representativo da consciência; é a revelação do Espírito a si mesmo no nível de representação. A filosofia, um estágio superior, que expressa o mesmo conteúdo que a religião de uma forma mais elevada. Para Kierkegaard, o sistema de Hegel compromete o significado e sentido do cristianismo. Ele se opõe à especulação dialética da mediação, pois a separação absoluta entre Deus e a natureza, entre o eterno e o temporal entre o finito e o

infinito, são oposições absolutas, cuja mediação é possível pela relação íntima da fé, pela revelação de Deus no tempo (LE BLANC, 2003, p.29). E essa revelação é, para o filósofo, mistério, paradoxo que a razão não consegue penetrar. Esse é o ponto de partida da sua reflexão, da sua crítica ao sistema hegeliano e do desenvolvimento da sua concepção da verdade como subjetividade, da sua concepção da fé cristã, do significado e sentido do cristianismo, do tornar-se cristão.

A paixão da fé

No livro Temor e Tremor, Kierkegaard, através do pseudônimo Johannes de Silentio, trata o problema da fé a partir da história de Abraão (para o filósofo, o maior representante da vida de fé), em que Deus solicita o sacrifício do seu filho Isaac, descrito em Gênesis 22. O livro, foi uma polêmica contra o sistema hegeliano e as explicações especulativas, racionalistas, do cristianismo. Utiliza o paradoxo contra o sistema hegeliano, considerando que o mesmo está fundamentado sobre pressupostos que são estabelecidos a priori pela fé. Analisa o problema da suspensão da moralidade (o pai que sacrifica o filho) e apresenta o significado da 'fé em virtude do absurdo'. O sentido da expressão 'em virtude do absurdo' é o reconhecimento dos limites da razão. "Fé 'em virtude do absurdo' é fé que não depende da certeza do conhecimento científico, da evidência objetiva e da argumentação racional" (GOUVÊA, 2000, p.152). É na 'fé em virtude do absurdo', diante do que não é inteligível que "o cavaleiro da fé tem também lúcida consciência desta impossibilidade; só o que o pode salvar é o absurdo, o que concebe pela fé. Reconhece, pois, a impossibilidade e, ao mesmo tempo, crê no absurdo; porque, se alguém imagina ter a fé sem reconhecer a impossibilidade de

todo o coração e com toda a paixão da sua alma, engana-se a si próprio"[6]. Mas, na interioridade do indivíduo que tem fé, não há 'um salto no escuro': "Quando o crente tem fé, o absurdo não é o absurdo... a fé o transforma... A paixão da fé... subjuga o absurdo _se não, a fé é... apenas um tipo de conhecimento."[7]

Considerações finais

A crítica de Kierkegaard à cristandade dinamarquesa, de sua época, se atualiza, em nossos dias, quando o cristianismo formal, institucional não expressa uma vivência interior e, nem de longe, provoca no indivíduo algum conflito interior, ao contrário, faz parecer muito simples ser cristão. Para Kierkegaard, ser cristão é uma escolha existencial, um movimento que se dá na interioridade do indivíduo, como processo profundo de transformação da consciência.

O último estágio da vida do filósofo, foi marcado por escritos polêmicos contra a Igreja Estatal da Dinamarca. A sua crítica à cristandade refere-se ao fato da Igreja não admitir suas falhas e, ainda assim, se proclamar representante do cristianismo. Para o nosso autor, "o cristianismo primitivo representava uma revolução espiritual que desafiou o *status quo* e tinha, portanto, sido uma ofensa a toda complacência. Mas a igreja contemporânea era o próprio símbolo da afetação burguesa satisfeita consigo mesma" (GOUVÊA, 2000, p.41).

Kierkegaard propõe reconduzir a cristandade ao cristianismo genuíno:

> "Na cristandade, afirmou Kierkegaard, será necessário um missionário para uma segunda vez tornar cristãos em

[6] KIERKEGAARD, Søren. Diário de um sedutor; Tremor e Temor; O Desespero humano. Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural; 1979. p. 136. (Os pensadores).
[7] KIERKEGAARD, apud GOUVÊA, 2000. p.156.

> cristãos. Não é a categoria do missionário que lida com os pagãos, para os quais proclama o cristianismo pela primeira vez, mas é a categoria do missionário dentro da cristandade, visando introduzir o cristianismo na cristandade" (KIERKEGAARD, apud GOUVÊA, 2000. p.43-44).

Para ele, é só na paixão da fé que alguém pode tornar-se cristão. É nessa perspectiva a sua crítica à cristandade - a exigência do movimento interior, existencial do indivíduo, que, na sua singularidade, reconhece os limites da razão e escolhe/acolhe o mistério da fé -, no sentido de instigar a reflexão sobre o sentido e significado do cristianismo; a exigência do aprofundamento da consciência:

> "O amor é um assunto da consciência, e por isso deve proceder de um coração puro e de uma fé sincera. [...] O amor só brota de um coração puro e de uma fé sincera quando ele é uma questão de consciência".[8]

O pensamento kierkegaardiano propõe a compreensão do amor cristão como um dever ético-religioso: "As obras do amor (se o amor não trabalha não é genuíno) são a expressão espontânea de nosso próprio ser depois de transformados pela fé".[9]

Para o autor, o ideal ético só é possível de ser realizado com a intervenção do religioso. "Torna-se então a função da ética desenvolver a receptividade para a religião, um sentimento de necessidade por ela"[10]. A ideia de que a vida moral e a atitude religiosa não deve ser algo forçado, mas despertado dentro do indivíduo.

Vivenciamos, hoje, um movimento pós-secularização; de efervescência no campo religioso, de ressurgimento do sagrado. O processo de individualização e globalização produziu uma pluralidade/diversidade

[8] KIERKEGAARD, Søren A. As obras do amor; apresentação e tradução, Álvaro L. M. Valls; revisão da tradução, Else Hagelund. Bragança Paulista: Editora Universistária São Paulo; Petrópolis: Vozes, 2005. p.175 - 181.
[9] GOUVÊA, Ricardo Quadros. Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução a Kierkegaard. São Paulo: Novo Século, 2000. p.244.
[10] Ibid. 2000. p. 217.

religiosa; de um lado, a desfiliação religiosa, o enfraquecimento da religião institucionalizada. De outro lado, há uma tendência de crescimento da religião cristã, particularmente, das igrejas cristãs, evangélicas, pentecostais (neopentecostais)[11]. Esse crescimento é marcado pela politização no campo religioso, do fundamentalismo e intolerância de diversos seguimentos religiosos. Intensificado, também, por um mercado religioso da fé, do 'evangelho da prosperidade'; por uma adesão religiosa sem profundidade.

O quanto deslocado do nosso tempo está Kierkegaard, tanto quanto o foi na cristandade do seu tempo; e isso, na verdade, o atualiza. Kierkegaard acreditava que as 'condições se tornariam tão confusas e desesperadas' que necessariamente se faria uso de pessoas desesperadas como ele. Então, 'Kierkegaard é um autor para hoje', como afirma GOUVÊA:

> "As condições desesperadas que Kierkegaard esperava já se fazem presentes. Elas tinham e tem a haver com a sociedade de massa e o desaparecimento do indivíduo isolado, com o consumismo, a depressão, e a sensação prevalente de falta de sentido, o soçobrar dos valores cristãos, a crise epistemológica, a secularização absoluta, e a incorreção política da singularidade cristã [...]" (GOUVÊA, 2000. p.24).

Kierkegaard nos desafia ao aprofundamento da consciência; a reflexão sobre nossas escolhas, adesões, crenças, identidade. Contra o comodismo e a superficialidade da cristandade, ironicamente, socraticamente problematiza o cristianismo; e sua intenção é torná-lo ainda mais difícil... É somente a paixão da fé que responde a questão do 'tornar-se cristão'. A filosofia de Kierkegaard nos apresenta uma riqueza de elementos para reflexão, que sinalizam direções para a discussão sobre alteridade e fé cristã na contemporaneidade.

[11] Cf. Religiões em movimento: o Censo de 2010. Faustino Teixeira, Renata Menezes (orgs) -Petrópolis, RJ:Vozes, 2013.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** 2. ed. Trad. E rev. de Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ARBEX JÚNIOR, José; TOGNOLI, Cláudio Júlio. **Mundo Pós-moderno.** São Paulo: Scipione, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida em fragmentos: sobre ética pós-moderna.** Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard.** Petrópolis. Vozes, 2006.

GARDNER, Patrick. **Kierkegaard.** São Paulo. Loyola. 2001.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução a Kierkegaard.** São Paulo: Novo Século, 2000.

JOLIVET, Régis. **As doutrinas existencialistas: De Kierkegaard a Sartre.** Livraria Tavares Martins. Porto, 1975.

JUNG, Carl Gustav. **Presente e futuro.** Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 6. Ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

KIERKEGAARD, Søren. **Diário de um sedutor; Tremor e Temor; O Desespero humano.** Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural; 1979 (Os pensadores).

_____. **O Desespero Humano.** Trad. Alex Marins. Editora Martin Claret. São Paulo, 2001.

_____. **Textos Selecionados por Ernani Reichmann.** Trad. E. Reichmann. Curitiba. UFPR. 1978.

_____. **As Obras do Amor.** Apresentação e tradução, Álvaro L. M. Valls; revisão da tradução, Else Hagelund. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Migalhas Filosóficas.** Trad. E. Reichmann e Álvaro L. M. Valls. Petrópolis. Vozes. 1995.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard.** Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

NÓBREGA, Francisco Pereira. **Compreender Hegel.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PASSOS, J. e USARSKY, F. **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

PAULA, Marcio Gimenes de. **Indivíduo e comunidade** na filosofia de Kierkegaard. São Paulo: Paulus, 2009.

REALE, Giovanni; DARIO, Antiseri**. História da Filosofia: do Romantismo até nossos dias.** 6. Ed. São Paulo: Paulus, 2003. (Coleção filosofia).

SINGER, Peter**. Hegel.** Trad. Luciana Pudenzi. Edições Loyola. São Paulo, 2003.

TEIXEIRA, Faustino; RENATA, Menezes. (orgs). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ZIZEK, Slavoj. **O absoluto frágil, ou Por que vale a pena lutar pelo legado cristão?** Trad. Rogério Bettoni. – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo,2015.